

A EDUCAÇÃO FÍSICA TRAÇANDO CAMINHOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

RESUMO

Joyce Mariana Alves Barros

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Pós-Graduada em Educação Física Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/GEPEC), Natal, RN, Brasil.
joycembarros@yahoo.com.br

Allysson Carvalho de Araújo

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil; Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM/UFRN), Natal, RN, Brasil.
allyssoncarvalho@hotmail.com

Antônio de Pádua dos Santos

Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil
paduasant@gmail.com

Maria Aparecida Dias

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil; Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.
cidaufrn@gmail.com

José Pereira de Melo

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil; Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.
j.pereira@ufrnet.br

O presente artigo é recorte de um trabalho de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte do ano de 2013. Este objetivou sistematizar o conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física da Educação de Jovens e Adultos em uma escola estadual do município de Natal-RN. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi organizada em cinco aulas sistematizadas que apontaram caminhos para compreensão do referido componente curricular na escola. Deste modo, este artigo caracteriza-se como um relato de experiência que utilizou a Pesquisa-Ação como metodologia, desdobrando os sentidos/significados revelados pelas ações e suas implicações futuras. Construindo ainda um momento de aprendizagem em meio a dificuldades encontradas no processo de desenvolvimento das aulas, tais como a evasão e a carga horária das aulas do período noturno inferior aos demais turnos, o planejamento foi se refazendo diante dos obstáculos. Assim, o componente curricular conseguiu sistematizar o conteúdo Lutas provocando experiências exitosas na Educação de Jovens e Adultos, e por meio deste conteúdo atingiu a dimensão conceitual, procedimental e atitudinal, desvelando ao longo do processo a cultura de movimento destes aprendentes.

Palavras-chaves: Educação Física e Treinamento. Educação. Adulto. Jovem adulto. Luta.

Artigo recebido em: 12 ago. 2014.

Artigo aprovado em: 30 set. 2014.

PHYSICAL EDUCATION PLOTTING PATHWAYS IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA)

ABSTRACT

This article is a paper cutout of course completion of Physical Education, Federal University of Rio Grande do Norte in the year 2013 This aimed to systematize content struggles in Physical Education of Youth and Adults in a state school in the municipality Natal-RN. The research, a qualitative study was organized into five classes showed that systematic ways to understanding of this component in the school curriculum. Thus, this article is characterized as an experience report that used the Action Research as a methodology, deploying the senses / meanings



revealed by actions and their future implications. Still building a learning moment amid difficulties encountered in the development of lessons, such as evasion and the workload of the other classes of lower nighttime shifts, the planning process was remaking the face of obstacles. Thus, the curricular component could systematize content causing fights successful experiences in Youth and Adult Education and through this content reached the scale: conceptual, procedural and attitudinal contents, revealing in the process the movement culture of these learners.

Keywords: Physical Education and Training. Education. Adult. Young adult. Fight.

1 INTRODUÇÃO

Na intenção de construir sentidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Física necessita aprofundar as lacunas presentes na prática pedagógica dos professores, dentre elas, a dificuldade de sistematizar os seus conteúdos de forma organizada e eficaz, sendo este um desafio no cotidiano escolar.

No intuito de apresentarmos ações experienciadas nessa modalidade de ensino (EJA), o presente artigo é um relato de experiência oriundo de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que foi desenvolvido do mês de julho ao mês de novembro de 2013 e apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no referido ano. Este foi intitulado: “Dialogando com os saberes da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: ressignificando as lutas”.

Utilizamos para realizar a intervenção o conteúdo Lutas, com o objetivo de ressignificá-lo nas aulas de Educação Física de uma turma do nível V, sendo do segundo segmento da modalidade de ensino EJA. O *locus* se deu na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (FLOCA), localizada no município de Natal-RN, bairro de Capim Macio, conjunto Mirassol, S/N.

Nesta ação foram aplicadas cinco aulas sistematizadas com o referido conteúdo, nas quais discutiram-se as lutas sobre diversos olhares; dentre eles, estavam a sua diferença com o conceito de briga; os embates corporais; as modalidades esportivas; as questões marciais, sociais e metodológicas, até o vivenciar corporalmente a gestualidade de uma luta, no caso, a Capoeira, que foi escolhida pelos atores da realidade.

A experiência pedagógica foi movida pelos primeiros estudos da autora, como bolsista da iniciação científica do Departamento de Educação Física da UFRN, no projeto “Educação Física escolar e a sistematização do conhecimento pedagógico na Educação de Jovens e Adultos”. Resultando deste projeto, a partir dos relatos dos professores da rede municipal, os primeiros indicativos de como se caracterizava a EJA em Natal-RN, sendo o principal apontamento a falta de um norteador nesta modalidade de ensino para a Educação Física, este que ampliasse o leque de possibilidades nas aulas.

Nesse projeto de pesquisa¹ foi identificado ainda que das 136 escolas do município de Natal-RN, 28 possuíam a modalidade EJA, porém destas somente 15 desenvolviam as aulas de

¹ Projeto de Pesquisa: PVD7420-2011-Educação física escolar e a sistematização do conhecimento pedagógico na educação de jovens e adultos, coordenado pelo professor Antônio de Pádua dos Santos. A investigação objetivou discutir a sistematização dos conteúdos da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como foco a aplicabilidade das manifestações do acervo da cultura de movimento nessa modalidade de ensino EJA. Para tanto, foram definidas as seguintes questões de estudo: a) Quais as dificuldades e possibilidades pedagógicas apresentadas pelo(a) professor(a) de Educação Física escolar para sistematizar os conteúdos ministrados na EJA? A pesquisa foi realizada na cidade de Natal/RN, em escolas da rede municipal. Estas que já definiam a Educação Física como componente curricular em seu projeto pedagógico e, logicamente, atendiam a modalidade de ensino EJA.



Educação Física regularmente. As justificativas das escolas para que as aulas não acontecessem se davam pela falta de professor do componente curricular, do espaço ou até mesmo pelo número de alunos, muito limitado por turma.

A partir destes dados materiais, passamos a refletir sobre a importância deste componente curricular na EJA, este anseio tomou outra dimensão com a participação da autora no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID²). Com essa inserção no PIBID, sentimos necessidade de aprofundar a reflexão que se concretizou em uma inquietação, pois começamos a buscar estratégias para construir ações exitosas na EJA, mesmo compreendendo a dificuldade desta realidade. A escassez de subsídios para isso não se apresentava somente na prática pedagógica do professor, mas também na falta de produção com esta temática tanto na graduação quanto na pós-graduação da UFRN, todos estes aspectos fortaleceram a busca por respostas com os atores na sua realidade.

Desta forma, neste relato de experiência temos o intuito de contribuir para a Educação Física Escolar, como também, ampliar seu olhar nesta modalidade de ensino, em uma perspectiva pedagógica.

Embasados nesta realidade e neste espaço, consideramos como um desafio sistematizar o conteúdo Lutas no ensino da Educação Física Escolar nas aulas de Educação Física da EJA. Dado que “as demandas do mercado, da sociedade, da ciência, das tecnologias e competências, ou a sociedade da informática ainda são os referenciais para o que ensinar e aprender” (ARROYO, 2008, p. 24). Nosso investimento neste relato foi no sentido de caminharmos por rumos didáticos mais coerentes com a EJA, visando, futuramente, uma Educação Física exitosa nessa modalidade de ensino, considerando a cultura de movimento do aluno ao longo do processo educativo.

Pensar deste modo contribuiu para oportunizarmos um melhor diálogo, participativo e democrático, dentro da escola. Fato que permitiu-nos ter um olhar ampliado, sabendo que:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido, o que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, p. 81).

Culpabilizar o educador desta área do conhecimento diante dos obstáculos limitadores que os profissionais enfrentam em seu cotidiano é enxergar de um ponto de vista reduzido. Pois faz-se necessária uma reflexão da atual prática pedagógica e do planejamento, para que novas leituras dos conhecimentos sejam feitas pelos professores. Por exemplo, se sabemos, nós educadores, o que ensinar nas aulas de Educação Física, podemos pensar da mesma forma ao nos questionarmos em relação à EJA? Essas perguntas podem delimitar outros caminhos completamente díspares a partir das realidades de cada exercício docente (tempo, métodos de aula) e campo de atuação (turno, perfil dos alunos).

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- subprojeto de Licenciatura em Educação Física da UFRN, sob coordenação da professora Maria Aparecida Dias o qual direcionou o foco das ações para a sistematização dos conteúdos da Educação Física na educação básica da rede municipal e estadual do município de Natal/RN, intervenções estas que dessem sentido à aprendizagem dos alunos.



Todos estes aspectos são parte de uma construção social em que a Educação Física perpassa; ser legitimada futuramente será consequência da organização, do planejamento e do compromisso social do presente (PALMA; OLIVEIRA; PALMA, 2010).

Com estas preocupações construíram-se objetivos, estratégias, conclusões e desdobramentos a partir deste relato e o caminho foi posto para se pensar nas questões didáticas e no papel do professor-mediador nas aulas de Educação Física da EJA. Conhecendo as peculiaridades deste público-alvo, a partir de suas ações, traçando o que ensinar, instigando e justificando as ações a partir de discursos como este: “Na escola me ensinaram muitas coisas, mas não me ensinaram a entender o que sou, por que vivo a vida que vivo” (ARROYO, 2008, p. 49).

As lutas, como conteúdo descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), foi um dos principais instigadores do planejamento desta intervenção, permitindo que além de seus conhecimentos desenvolvidos nas aulas programadas pudéssemos avançar diante da experiência pedagógica corporal e dialogarmos com conceitos, procedimentos e atitudes nas aulas. Conseguimos pontuar também os discursos midiáticos presentes na atualidade, como por exemplo, a ascensão do *Mix Martial Arts* (MMA) na sociedade, fato que corroborou os anseios dos aprendentes da EJA de compreender conceitos reportando-se às temáticas presentes no cotidiano do alunado.

A ação metodológica/pedagógica contida nesse relato de experiência nos permitiu ir por questões muito mais tênues do que a pura e simples descrição das aulas, pois provocou a expressão do movimento, na mesma medida em que melhor se compreendeu o que é ter uma segunda oportunidade de estudar, de forma significativa. Tendo em vista que “A inclusão da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos representa a possibilidade para os alunos do contato com a cultura corporal de movimento” (BRASIL, 2002, p. 193).

Podemos considerar também o processo de consolidação da Educação Física, a desmistificação da EJA, a identificação dos sentidos que os alunos dão ao componente curricular e, mais do que isso, apontamos um norteador para compreender a sistematização neste contexto, a partir das lutas.

1.2 Compreendendo o espaço da Educação Física na escola

A Educação Física de décadas passadas não parecia projetar perspectivas pedagógicas de cunho crítico e aberto a experiências, pois o componente em determinado momento histórico foi sustentado por um conservadorismo, unidirecional que só permitia a Educação Física percorrer o caminho das ciências médicas. Subsidiadas pelos modelos ginásticos, pautados no militarismo, reforçou questões como o higienismo, que provocaram construções sociais e a formação de paradigmas com outros conceitos, como o de saúde.

Porventura sua trajetória modificou-se, acompanhando as peculiaridades de cada momento histórico. Deste modo, os estereótipos do “ser” professor de Educação Física escolar também acompanharam este ritmo e provocaram algumas mudanças para o século XXI. Antes profissionais formados sob a égide militar, na contemporaneidade a formação mudou no sentido de se compreender os corpos na sua diversidade, longe da homogeneidade tão presente na educação física pretérita.

Um marco recente pode ser apontado após a década de 1980, quando se inicia a superação das características militaristas, da calistenia e da ideia de que somente o corpo mais forte e



robusto era o mais saudável e, conseqüentemente, mais apto às atividades físicas. Neste período, de acordo com Mendes (2007), surgem as pedagogias histórico-críticas da Educação Física, como a crítico-emancipatória de Elenor Kunz (1991), com influências dos estudos de Paulo Freire, e a crítico-superadora do Coletivo de Autores (1992), com influências da Pedagogia Crítico-Social e dos estudos de Libâneo:

Nessas abordagens, há a preocupação de que o processo de ensino e aprendizagem ocorra através da interação entre aluno e professor e o critério de organização do conhecimento da Educação Física, pautado tanto na “cultura corporal” ou na “cultura de movimento”, contribuem para ampliar o conhecimento da área, não se restringindo apenas aos esportes, mas abarcando os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas como construções culturais. (MENDES, 2007, p. 111).

Nesse momento há a ruptura do conceito anátomo-fisiológico pelo biossócio-filosófico (DARIDO, 2003), modificando o anterior predomínio da pedagogia tecnicista com objetivos e resultados centrados no professor (instrutor/treinador), a fundamentação da área por meio da ciência passa a ser valorizada não só do empirismo.

Atualmente coexistem na área da Educação Física várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física. (DARIDO, 2003, p. 3).

Ao situarmos este componente curricular na educação básica, percebemos que estas problemáticas ainda estão enraizadas. Enxergando a estrutura em que se faz a escola entendemos que os níveis de ensino são bem divididos, com características e expectativas explícitas. Neles, a homogeneidade é o principal ponto de distribuição das séries, faixas etárias e níveis de ensino. A exceção desta visão organizacional bem definida é a EJA, nela entendemos porque tantos questionamentos. Pois se trata da mais pura heterogeneidade, em que os professores se deparam diariamente com a pluralidade.

Fixando-nos neste chão necessitaríamos de subsídios que provocassem novos objetivos e reflexões, respeitando o histórico de diversidade de cada sujeito. Pensando nisso, adotamos uma concepção de ensino que convergisse para o que aqui já foi dito, não tomando todas suas características para a pesquisa realizada e entendendo que ao longo do percurso outras se atrelaram aos questionamentos. Assim, levamos em consideração que a concepção Crítico-Superadora, defendida no Coletivo de Autores (1992), atua de modo marcante, pois:

Ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, *apud* DARIDO, 2003, p. 8).

Ao se trabalhar com a EJA nos prostramos nesta concepção para pensar o movimento em sua prática cotidiana e tentarmos aproximar os conteúdos desta realidade, questionando nossa prática e as estratégias metodológicas de aplicação da unidade didática, entendendo que:



O homem constrói e transforma o mundo a partir do trabalho. A categoria atividade humana, chamada categoria porque é uma explicação do que o homem faz, indica que o homem não se move, não se mexe à toa, não podemos falar do movimento do homem, da vida do movimento do homem, isto é um equívoco porque o homem não se mexe, ele “age”. (ESCOBAR³, 2001 *apud* SOUZA JUNIOR *et al.*, 2011, p. 401).

Compartilhar estas experiências certamente seria encurtar as distâncias entre os diversos saberes. Reconhecendo assim que a escola pode e deve proporcionar experiências significativas para a vida dos alunos, quebrando os paradigmas que materializam a divisão de uma aprendizagem formal e outra informal.

É necessário que fique claro que isto se concretizará na escola quando corpo docente, discente e comunidade escolar, em conjunto, legitimarem a educação por este viés. Um passo importante seria a gestão democrática, reconhecendo as peculiaridades de cada componente, cada modalidade de ensino e fomentando o diálogo, caso raro no Brasil. Mas se em cada componente curricular se iniciar um processo de sistematização pedagógica dos conteúdos organizados nesta lógica educacional, os primeiros caminhos se concretizarão no futuro.

1.3 A EJA e a cidade de Natal

Ao buscarmos mais subsídios para a discussão nos situamos na cidade de Natal-RN, onde não constatamos uma história muito diferente do quadro nacional, com medidas que tentaram promover o acesso à educação por meio da EJA com programas assistencialistas que esbarram na existência de entraves no reconhecimento desta modalidade de ensino.

Paulo Freire foi um ícone da educação popular, especialmente no Rio Grande do Norte, por suas ações exitosas na cidade de Angicos, que ganharam o mundo ao alfabetizar trabalhadores a partir de sua realidade. De acordo com Lyra (1996 *apud* GADOTTI, 2013), no ano de 1963 a avaliação do aprendizado em Angicos após a atuação de Freire foi de 300 participantes considerados alfabetizados.

A partir do projeto “De pé no chão também se aprende a ler” a educação natalense ficou marcada na história nacional. Mas as autoridades, com o intuito de dar prosseguimento às ações do mestre Freire, não tiveram sucesso e esta conquista popular foi se perdendo, sendo substituída por diversas medidas.

Assim, de acordo com Natal (2013), surge o Programa Municipal de Educação Popular (PROMEP), em 1987; o projeto Vivendo e Aprendendo, em 1998, junto com o Projeto Acreditar; e no ano de 2000 acontece a produção dos referenciais Curriculares da EJA (RCEJA). Vale ressaltar ainda a criação do plano decenal 2004/2013, ao se identificar uma alta taxa de desperdício (reprovação e abandono) no município como uma tentativa plausível de consolidar a EJA, mas que após um ano do prazo estipulado permanece sobrevivendo em situação precária.

³ Trecho de uma entrevista realizada com Micheli Ortega Escobar, em 7 de maio de 2001, como parte dos dados da referida pesquisa tratada no artigo Souza Junior (2011) que utilizamos nas referências desta produção.



2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter empírico, tendo como proposta metodológica a Pesquisa-Ação (THIOLLENT, 2002). Deste modo, os envolvidos na ação são todos produtores de conhecimento, os alunos se tornam atores desta realidade, e ao propor soluções às problemáticas levantadas, ao longo do processo, caracterizam a aprendizagem. “[...] Nesse espaço, os pesquisadores, extensionistas e consultores exercem um papel articulador e facilitador em contato com os interessados” (THIOLLENT, 2002, p. 4).

Planejar, neste entendimento, de acordo com Thiollent (2002), é fomentar um caminho de autonomia para os aprendentes, este método permite o diálogo entre aluno e professor numa perspectiva de construção. Em que a reflexão sobre determinada atividade executada permite o fortalecimento das relações entre os envolvidos e, conseqüentemente, a materialização de um legado diante daquela ação.

2.1 Procedimentos de coleta de dados

As ações se deram a partir do planejamento de cinco aulas sistematizadas para a turma do nível V do segundo segmento da EJA. Mas antes de concretizar o processo de intervenção contextualizamos anteriormente o campo de estudo, com aplicação de uma avaliação diagnóstica (questionários com perguntas abertas e fechadas) para os alunos e a professora da turma. Nele buscávamos identificar as expectativas de vivenciar os conteúdos da Educação Física apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), em específico, as lutas e a importância do componente curricular em questão.

Além disso, utilizamos como parte do trato metodológico a observação das aulas da professora titular da turma (de julho a agosto de 2013), o reconhecimento e diálogo com seu planejamento anual, plano de ensino e sua proposta pedagógica. Após a construção do planejamento materializou-se a intervenção, que ocorreu de outubro a novembro de 2013. Cada aula foi avaliada de acordo com as estratégias adotadas: por meio de rodas de conversa, questionários com perguntas semiestruturadas, registros fotográficos ou relatos dos alunos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A discussão dos dados é baseada na seguinte organização: as lutas na escola; reconhecendo seu papel social; característica da amostra; e planejamento didático.

3.1 Características da amostra

A turma do nível V do segundo segmento da EJA, que serviu de amostra para a ação, registrava 38 matriculados, porém, em média, assistiam às aulas oito deles, dos quais em nenhuma das aulas todos os oito alunos vivenciaram juntos, e o máximo de alunos presentes em sala de aula foi um total de dez. A faixa etária destes alunos variava entre 17 e 30 anos de idade.

Durante o período de observação⁴ e aplicação de questionários as peculiaridades dos jovens e adultos, atores desta realidade, foram surgindo e traçando o rumo das ações. Ao ler e ouvir os discursos dos discentes tivemos a compreensão de que eles desejavam movimento e aulas inovadoras; de que a Educação Física era importante para vida deles e o dado mais relevante para a intervenção é que as lutas ainda eram carregadas de uma visão preconceituosa, em que a maioria não tinha curiosidade de vivenciar este conteúdo.

3.2 As lutas na escola: reconhecendo seu papel social

Ao tratarmos de três grandes blocos de conteúdos trazidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), mesmo sendo da década de 1990, ainda se apresentam como uma referência importante por ser um documento oficial, onde estão definidos os conteúdos da Educação Física, sendo eles: os Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica; Atividades Rítmicas e Expressivas e o Conhecimento Sobre o Corpo. Compõe-se uma lógica de organização, à medida que selecionados os conteúdos, e temos a oportunidade de transcender a reprodução.

A questão não é tornar uma temática mais importante do que a outra, é simplesmente desenhar como determinado conteúdo de ensino e cotidiano vão se integrar, logo, as lutas não serão tratadas com uma visão apocalíptica.

Ao pensarmos nas lutas no século XXI nos deparamos com um montante de investimento exorbitante em mídias digitais e impressas, academias, suplementos e diversos outros produtos comerciais. Estes que vão ganhando mais popularidade e, o mais interessante, vão se tornando comuns à rotina.

Como se posicionar, enquanto educador, diante de uma “onda” de informações que chegam sem parar aos olhos e ouvidos dos alunos diariamente, de modo desenfreado? Lutar, nos últimos tempos, teve seus sentidos ampliados de forma notória. Por exemplo, *fitness*, qualidade de vida, alto rendimento, lazer, intervenção terapêutica e diversos outros sentidos que são carregados de uma indústria cultural. Nesta cria-se um esporte que vende e compra o público por meio de diversos setores que influenciam suas vidas corriqueiramente.

Estando a escola apta para discutir isso, a Educação Física reconhece que deve permitir ao aluno estar incluído neste contexto de forma crítica. Os desafios surgem ao iniciarmos as primeiras palavras sobre a Luta, em sala de aula. Estes vão desde o desmistificar a luta violenta e agressiva até reconhecer a sua possibilidade de ser praticável na escola, discutindo-a e repensando-a.

Todas estas questões enriqueceram a intervenção e se somaram aos objetivos iniciais de sistematizar o conteúdo Lutas, inicialmente trabalhando com o conceito dos Parâmetros Curriculares, que define as Lutas como sendo:

⁴ Na pesquisa, criamos o “diário da realidade”, onde descrevemos algumas situações e acontecimentos do cotidiano da turma, durante as aulas de Educação Física. Estas observações aconteceram desde o período inicial da intervenção, em agosto de 2013, durante a aplicação dos questionários, em setembro, até o final da pesquisa. Nele a autora da pesquisa acrescentava uma mistura de sensações e sua visão diante da realidade das aulas. Tentando dialogar com outros autores foi possível construir “soluções” para problemáticas identificadas neste momento. Além disso, aglutinou-se ao diagnóstico inicial, provocando uma forma mais sensível de intervir, conhecendo aqueles corpos, seus gestos e atitudes para poder se aproximar deles com mais cuidado, refletindo esta atitude nos resultados finais.



[...] disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (BRASIL, 1997, p. 37).

Na relação entre senso comum e conteúdo, pontuamos o que poderia ser chamado de superação de uma visão deturpada das lutas, deixando de reduzi-las somente à violência, ao MMA, à agressividade sem valor pedagógico ou qualquer outro modelo díspare de seu valor educacional. Em diferentes contextos as lutas podem se expressar, e o que parece difícil de ser trabalhado na escola pode ser o ponto de partida de uma aprendizagem produzida no corpo.

Um empecilho atual para se pensar a luta é entender que ela é inviável, seja no espaço físico, na vestimenta adequada ou nas discussões de gênero que ela desperta, por exemplo, em discursos já conhecidos como: “Luta é um esporte masculino, é muito agressivo” (SANTOS, 2012, p. 144). Em contrapartida tratar estas dificuldades como novas oportunidades de se ressignificar as ações é modificar o sentido de lutar para o aluno.

Retomar o conceito da luta faz parte do momento inicial da intervenção, pois “É importante conhecer as lutas em todos os aspectos, não somente a sua aplicabilidade técnica, mas também suas histórias e suas culturas” (CARTAXO, 2011, p. 165). A Capoeira⁵ é um exemplo disso, esta carrega um misto de luta, dança, cultura negra e religiosidade.

Como fenômeno cultural nos remete à história brasileira, principalmente quando ultrapassou a exclusão e o preconceito na proibição da sua prática de 1890 até a década de 1930, chegando até os dias atuais onde é difundida pelo mundo afora. Mestre Bimba⁶ e Pastinha foram duas referências na luta pelo reconhecimento de uma cultura, da valorização dos praticantes, da igualdade de direitos de um povo, em especial, o de ter liberdade.

3.3 Planejamento didático

Buscando não reprimir a subjetividade do aluno e dar subsídios para o seu entendimento de forma autônoma foram desenvolvidas as cinco aulas, sistematizadas⁷, e descritas ao longo desta sessão, em sua origem primaram por:

[...] organizar didaticamente os conhecimentos pedagógicos da Educação Física é assimilar a necessidade de sistematização dos seus conteúdos para possibilitarmos uma aprendizagem mais ampla e plural, pois os alunos não se apropriam de um conhecimento específico em uma única aula, uma vez que “a aprendizagem é um processo gradativo”. (MELO, 2006, p. 189).

⁵ Importante ressaltar a presença desta prática corporal, atualmente, dentro das escolas públicas em diversos projetos sociais do município de Natal, sejam eles vinculados às iniciativas privadas, como o “Projeto Amigos da Escola” até o governo federal, como o programa Mais Educação. Utilizar-se destes fatos para materializar oportunidades de aprendizado é declarar que a interdisciplinaridade faz parte do processo, ou seja, é uma das bases que sustentam o direcionamento dos componentes curriculares na escola. Fatos que devem ser assegurados e descritos pelo projeto Político-Pedagógico (PPP).

⁶ A história do Mestre Bimba é importante para comentar sobre a Capoeira, diferenciando a Angola da Regional. Uma boa estratégia pedagógica é planejar a apreciação do filme: “Mestre Bimba- A capoeira iluminada”. Na intervenção foi apreciado somente o trailer e comentado o filme, dado o tempo curto.

⁷ Outros autores deram base para a compreensão do conceito de sistematização e constituição desta proposta apresentada na pesquisa, mas os principais foram Melo (2006) e Palma, Oliveira e Palma (2010).

Na aula 1 (10/10) foi iniciada uma discussão dos conceitos de luta e briga, questionando onde eles estavam inseridos e como, tentando construir um conceito que diferenciava cada um dos termos, e assim obtivemos os relatos.

Tabela 1: Conceituando Lutar e Brigar

LUTAR	BRIGAR
“crescer na vida” “atividade física” “agressividade” “querer muito algo” “diversão” “disputa pela vida (trabalhar)” “esporte”	“vandalismo” “é desigual” “não tem objetivo”

Fonte: Barros (2013).

Tivemos a oportunidade de compreender a capacidade dos alunos de encontrar novos sentidos para os conhecimentos, a partir de sua experiência de vida, em diversos momentos, e um dos mais marcantes se deu no instante em que apontaram em sala de aula que lutar não era somente o que ali a autora explanava, era também “querer muito algo”⁸. Com esta atitude, quebrou-se a hierarquização dos saberes, não existiu um mais ou menos correto, mas uma outra possibilidade de compreender este fenômeno.

Com este plano de aula se estendendo, na aula 2 (17/10) a discussão sobre os conceitos de luta e briga foram retomadas, a partir da apreciação de vídeos⁹ e imagens. Nestes identificamos momentos de *fair-play* e de descontrole dos sistemas de regras que serviram também de discussão, como no exemplo a seguir:

Figura 1: Trecho da apresentação da aula



Slides de apresentação da aula 1 e 2. Fonte das fotos:

- [1.http://eapreino.blogspot.com.br/2010/06/1x1-mini-copa-do-mundo.html](http://eapreino.blogspot.com.br/2010/06/1x1-mini-copa-do-mundo.html)
- [2.http://www.tbunahoje.com/noticia/22592/esporte/2012/04/01/www.braskem.com.br](http://www.tbunahoje.com/noticia/22592/esporte/2012/04/01/www.braskem.com.br)
- [3.http://www.not1.xpg.com.br/confusao-e-briga-entre-torcidas-organizadas-deixa-mortos-e-feridos-sp/](http://www.not1.xpg.com.br/confusao-e-briga-entre-torcidas-organizadas-deixa-mortos-e-feridos-sp/)

⁸ Importante estar atento para subjetividade dos discursos pontuados nesta figura, nele os alunos foram questionados pela autora da pesquisa sobre “O que é luta?” e “O que é briga?”.

⁹ Vídeos encontrados na ferramenta de pesquisa Youtube (<http://www.youtube.com>), tais como Pequim (Vídeo1: <http://www.youtube.com/watch?v=yevPkGBEuY>).

Neste primeiro plano de aula, reorganizamos as estratégias para melhor provocar os alunos, assim na segunda aula foram sugeridas algumas lutas por eles:

Tabela 2: Relato de lutas¹⁰ selecionadas pelos alunos da pesquisa

Aluno	Luta
2	Judô e Jiu-Jitsu
3	Capoeira ou Vale-tudo
4	Judô
5	Capoeira ou Dança
6	Judô

Fonte: Barros (2013)

Já destacamos aqui alguns problemas durante o suceder das ações, as quais teriam sido mais satisfatórias se não tivéssemos encontrado alguns contratempos¹¹ no decorrer das aulas. Entretanto, mesmo com estas dificuldades alcançamos nosso objetivo e provocamos novas vivências com esta prática corporal.

Das lutas escolhidas tivemos a oportunidade de selecionar a Capoeira e estruturar a aula 3 (31/10). Dos resultados e do desenvolvimento da aula alguns dados foram muito relevantes, um deles foi a necessidade de modificar a logística da sala de aula, colocando as carteiras em formato de semicírculo, induzindo os alunos a se aproximarem, interagirem e discutirem melhor sobre o tema.

Dando continuidade, resgatamos historicamente a Capoeira desde o Brasil colônia, passando pela república e a proibição da sua prática até a sua difusão no século XXI, apresentando os instrumentos, ritmos e tipos. Mesmo com alguns pedidos que envolviam o movimento causando estranheza aos alunos, eles corresponderam na medida do possível. Alguns comentários surgiam como “não gosto de mudanças!” e algumas feições demonstravam que o se movimentar naquela aula era inapropriado para aquele corpo.

Persistimos, e, ao fim da aula, somente um aluno se disponibilizou a executar alguns movimentos na roda em que estávamos e, para surpresa de todos, começou a jogar Capoeira, fazendo alguns golpes que se assemelhavam às técnicas daquela prática corporal, como a queixada.

Entendendo que o conteúdo veio numa perspectiva “ditatorial”, procuramos ter a aula 4 como um ponto de reflexão para refazer o método de aplicação das aulas. Assim, a temática desta aula representava os movimentos do cotidiano dos alunos para associá-los às qualidades físicas e, em seguida, aos movimentos da Capoeira.

Foi pedido que eles escrevessem em um papel um movimento cotidiano que executassem, seja no trabalho, em casa, na escola ou em qualquer lugar. Misturamos e íamos fazendo a leitura;

¹⁰ A Capoeira foi escolhida por ter sido sugerida e dada a proximidade da prática mais corriqueira nas escolas públicas. Levando em consideração que teríamos um cronograma de cinco (5) aulas e não poderíamos atender a todas as lutas, dada a forma como a dinâmica da sala de aula estava funcionando naquele momento.

¹¹ A proposta inicial da intervenção seria a de sistematizar 3 lutas, os planos se organizariam da seguinte forma: 1º - diferença de lutar e brigar e escolha de três lutas para vivenciar; 2º - luta 1; 3º - luta 2; 4º - luta 3 e o 5º - Avaliação (produção do cinema- minuto). Entretanto as aulas de 30 minutos semanais não deram conta deste processo, sendo necessário vivenciar somente uma luta, escolhida pela maioria dos alunos, para não perdermos a continuidade do processo.



questionando¹² os alunos como se executava aquele movimento, as qualidades ali envolvidas, provocando gestualidades diferentes e identificando outras qualidades.

Tabela 3: Exemplos do pedido feito aos alunos

Sexo	Idade	Profissão	Movimento
F	23	Consultora de moda e atendente	Levantamento de Braços
F	27	Empregada doméstica	Quando acordo me alongo

Após todos demonstrarem os movimentos escritos no papel, eles visualizaram imagens de técnicas da Capoeira, iam identificando as qualidades naquele movimento e o que era necessário para executá-lo. Surgindo comentários como: Equilíbrio, Força, Velocidade, Coragem etc.

Imagem 1: Dados da pesquisa, aula 4



Fonte: Registro da autora Joyce Mariana

Durante a última aula (14/11) a evasão dos alunos marcou o processo, compareceram três alunos, e as angústias se o plano deveria ter continuidade, dando por fim uma unidade didática sistematizada. A partir deste instante foi necessária uma intervenção mais objetiva do que imaginávamos, para que os alunos compreendessem parte da aula comando.

Após resgatar tudo que foi discutido nas aulas sobre as lutas e a Capoeira em específico, era a hora de se colocar numa discussão corporal; por mais que fosse difícil se disponibilizar, o professor deve construir estes caminhos para o aluno traçar.

Por meio de comandos e questionamentos descrevemos os movimentos para que os alunos pudessem executar. Com isso, à medida que escutavam o comando, executavam-no até se caracterizar toda a gestualidade do movimento da Capoeira. Como pode ser visto na Imagem 2, duas alunas executam o movimento da ginga:

¹² Ver imagem um 1.

Imagem 2¹³: Dados da pesquisa, aula 5

Fonte: Registro da autora Joyce Mariana

A avaliação seria feita com a gravação de um vídeo produzido pelos alunos. Este deveria responder: o que é lutar, sendo intitulado e criado por eles, uma cena em que em 1 minuto se explicaria o que é luta. Com esta opção ou com uma avaliação escrita, a maioria se interessou pela segunda ideia e como a aula já tinha terminado seu horário, não haveria mais tempo para organizar um roteiro e a gravação.

Ao final, os três alunos presentes em sala responderam duas questões que fecharam a avaliação de todo o processo: “(1) Você gostou das aulas? 2) O que é lutar pra você? 3) A Capoeira é uma luta?”. O tempo não permitiu que fosse produzido o cinema-minuto conforme planejado, mas provocou algo naqueles corpos, que foi demonstrado em sensações.

Nenhum dos alunos presentes participou de todos os encontros e a aula 5 aconteceu em uma quinta-feira, véspera de um feriado, o que agravou a criticidade do baixo índice de presença na aula. Mesmo com estas dificuldades os alunos movimentaram-se a partir da gestualidade da Capoeira, perceberam a construção do movimento e expressaram o que compreenderam a partir daquela realidade.

Nos questionários finais as respostas apontaram que os alunos gostaram das aulas, uma das respostas afirmava que a experiência era uma forma de aprender coisas novas, descobrir como se luta o Karatê, a Ginga e a Capoeira. Já outra disse: “Sim. Gostei, foi muito divertido e aprendi muito. A professora é legal e nos ensinou muita coisa”.

Em relação à segunda pergunta um questionário afirmava que lutar “é um tipo de esporte e que aprendemos a atacar e a nos defender e ainda brincamos e praticamos esporte e exercício ao mesmo tempo”, outro falou que era “diversão” e o terceiro aluno escreveu que “a luta é um exercício que praticamos para se defender de alguma forma”. Assim, um mesmo conteúdo agiu de formas diferentes e com um prazo mais estendido poderíamos elaborar melhor estes conceitos e contribuir ainda mais no entendimento dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta intervenção inferimos que o conteúdo Lutas é possível de ser trabalhado nas aulas de Educação Física da EJA, e o processo de sistematização deverá adaptar-se à dinâmica



do período noturno. A rotatividade dos alunos, a baixa frequência (evasão) e o letramento são características próprias da EJA, e é preciso identificar como isto acontece na lógica organizacional do grupo participante, conhecendo a realidade e o contexto social dos alunos.

Percebendo que por meio das lutas discutimos normas, conceitos, história, regras, qualidades físicas, gestualidades, ética e valores identificamos a riqueza deste conteúdo. Em especial para a EJA, conseguimos trabalhar as três dimensões do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal de forma organizada, em que o aluno compreendeu o processo de construção, pois não se distanciou dele.

Identificamos ainda a necessidade de adotar diferentes estratégias metodológicas, para que a compreensão dos aprendentes ao associar com o cotidiano não seja dicotomizada do processo de reflexão-ação da prática pedagógica. Neste nível de ensino, em cada aula, é necessário permitir que os alunos entendam o conteúdo sem acreditarem que é sacrifício decifrar os códigos da linguagem escrita, e da mesma forma desvelar a linguagem corporal. Mesmo sendo um processo lento é preciso ouvir o silêncio dos aprendentes no momento em que o movimentar-se perde força diante das amarras construídas durante toda a vida.

Com isso o desafio deve estar sendo compreendido como possível. Pensando a Educação Física na EJA identificamos uma maior complexidade das ações, dado que o espaço escolar não legitima como deveria, de forma igualitária, todos os componentes curriculares.

Fomentar estas questões na pós-graduação e na graduação é parte necessária de um plano futuro em que a Educação Física, o profissional da área e a Educação Básica de forma geral terão subsídios reais para construir o conhecimento da melhor forma possível na Educação de Jovens e Adultos. Atualmente o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ppgef-UFRN) percebe que este campo precisa de um olhar mais atento, e sustenta uma pesquisa com a temática em nível de mestrado, buscando novos apontamentos para a Educação Física neste quadro.

Logo, formar, equalizar e reparar a EJA é um trabalho em conjunto e não vai ser alcançado somente pelo professor de Educação Física, mas por toda a comunidade escolar, corpo docente e discente, quando perceberem que a gestão democrática é o mais legítimo dos direitos concedidos à escola e assim, ser professor vai ser, de fato, constituir-se um sujeito inacabado.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Educandos e educadores: seus direitos e o currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra D.; NASCIMENTO, Aricélia R. (Org.). **Indagações sobre o currículo**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008. p. 17-52. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

BARROS, J. M. A. Dialogando com os saberes da educação física na educação de jovens e adultos: ressignificando as lutas. 2013. 72 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: MEC, 1997.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental [de] 5ª a 8ª série. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 2002. v. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_edufisica.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CARTAXO, C. A. **Jogos de combate**: atividades recreativas e psicomotoras: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. (Org.). **50 anos de angicos e do programa nacional de alfabetização**: cronologia. 2013. Disponível em: <<http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.

MELO, J. P. de. Perspectivas da Educação Física Escolar: reflexões sobre a educação física como componente curricular. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, n. 20, p. 188-190, set. 2006. Suplemento.

MENDES, M. I. B. S. **Mens Sana in Corpore Sano**: saberes e práticas educativas sobre o corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NATAL. Secretaria Municipal de Educação (Org.). **Referenciais Curriculares da educação de jovens e adultos**: 1º segmento. Vários colaboradores. Disponível em: <<http://portal.natal.rn.gov.br/sme/paginas/File/referenciascurriculares2009.zip>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. (Org.). **Educação Física e a organização curricular**: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2010.

SANTOS, S. L. C. dos. **Jogos de oposição**: ensino das lutas na escola. São Paulo: Phorte, 2012.



SOUZA JUNIOR, M. *et al.* Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Porto alegre, v. 33, n. 2, p. 391-411, 2011.

THIOLLENT, M. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1., 2002, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: EDUFPB, 2003. v. 1, p. 111. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/conferencias/conferencias.html>. Acesso em: 25 set. 2014.

